

LEITURA E ESCRITA DE CONTOS DE SUSPENSE NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Maria Bianka Custódio Oliveira ¹
Marcelo Medeiros da Silva ²

RESUMO

O presente um relato que tem por objetivo relatar uma experiência de uma graduanda em Letras Português, trabalhando com o gênero conto de suspense durante o período de atuação como bolsista do programa Residência Pedagógica habilitado pela Capes ligado ao subprojeto de Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Utilizando como campo a Escola Municipal de Ensino Fundamental I e II Adalice Remigio Gomes, situada na cidade de Monteiro-PB, em uma turma de 8º ano “A”. Durante o período de planejamento, foi elaborada uma sequência didática tendo como base as orientações metodológicas de Cosson (2006), a partir de seu livro *Letramento Literário*, e como base de suporte para o trabalho com o gênero conto de suspense foi utilizado Ferrarezi Jr. (2015, 2017), além das consultas a BNCC, PCNs e a Proposta Curricular do Estado da Paraíba.

Palavras-chave: Produção textual; relato; capes; conto de suspense.

INTRODUÇÃO

A experiência que será relatada foi fruto da elaboração e aplicação de uma sequência didática, durante a atuação no programa de Residência Pedagógica. A experiência centrou-se no trabalho de leitura e escrita de textos pertencentes ao gênero literário *conto de suspense* e foi realizada com os alunos da turma do 8º ano “A” da escola Adalice Remigio Gomes, situada no bairro do Mutirão, na cidade de Monteiro na Paraíba.

Todo o planejamento de nossa intervenção didática ocorreu a partir da elaboração de uma sequência didática pensada por nós bolsistas juntamente com a ajuda do professor orientador do subprojeto. Como subsídio para a elaboração dessa SD, tomamos as orientações metodológicas de Rildo Cosson (2006), presentes em seu livro *Letramento literário*, no qual ele apresenta uma proposta de organização didática a partir de dois modelos de *sequência didática*: o básico e o expandido. Centramo-nos no modelo de

¹ Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, maria.custodio@aluno.uepb.edu.br;

² Professor orientador: Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e docente da Universidade Estadual da Paraíba, onde atua no curso de Letras do campus VI no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), ambos no campus I; e-mail: marcelomedeiros@servidor.uepb.edu.br.



sequência básica, uma vez que a proposta de Cosson nos permite trabalhar com os textos literários sem que eles sejam pretexto para o trabalho apenas com a análise linguística, como costuma ser feito por certa tradição escolar, que acaba mutilando os textos literários para remover trechos que podem ser utilizados para atividades voltadas puramente para a análise linguística ou procurando em seu interior elementos linguísticos, ignorando completamente o conteúdo dos textos e os elementos de interpretação. Isso acaba tornando o ato de leitura um momento chato, maçante no lugar de ser um momento de deleite e prazer.

Dessa forma, a leitura acaba se tornando apenas pretexto para realização de atividades acerca de certa taxionomia gramatical e sendo esquecido o real valor e a importância da leitura. Diante dessa problemática, no modelo de sequência básica, Cosson (2006) vai propor um momento de motivação que marcará o início do trabalho com os gêneros textuais e que deve estar conectado de forma direta ou indireta com o gênero a ser lido. Após essa motivação, vão surgindo outros momentos, como uma espécie de passo a passo a fim de alcançar os objetivos que devem ser pensados, elaborados, idealizados pelo professor anteriormente. Dentro dessa organização inicial que é anterior à elaboração propriamente dita da sequência, é preciso pensar a duração, o conteúdo/temática, a turma, objetivos gerais e específicos, etc. Porque é a partir dessa organização que vamos pensar a melhor maneira para o trabalho com o gênero, no decorrer das aulas.

Diante disso, surge a necessidade de escrita do presente relato, como forma de expressar e apresentar como se deu o passo a passo desde a elaboração da SD, sua execução na prática, para além da idealização no processo de planejamento, até os resultados obtidos em sala de aula. Ou seja, os efeitos que essa experiência surtiu nos alunos.

Por fim, o presente relato encontra-se dividido da seguinte forma: introdução, que traz a contextualização do presente trabalho; o desenvolvimento, onde se encontra o referencial teórico, a metodologia utilizada, análise e discussões; resultados, quais os frutos gerados a partir das experiências realizadas em sala de aula; considerações finais, o fechamento do trabalho em questão onde realizamos uma breve recapitulação e uma reflexão acerca do que foi desenvolvido durante o relato e para encerrar as referências bibliográficas.

Entre a ação e a reflexão: procedimentos para o trabalho com o conto de suspense

A experiência de que trataremos nesta seção deu-se a partir da aplicação de uma sequência de dez aulas, no período de 6 até 15 de julho de 2023, e tinha como conteúdo o estudo do gênero *conto de suspense*. Seguindo o que propõe Cosson (2006), optamos por

iniciar o nosso conjunto de aulas, trazendo alguns contos de suspense para que os alunos pudessem ter o contato inicial com o gênero. Realizamos a leitura de forma compartilhada e sempre dando espaço para que eles compartilhassem suas impressões sobre os contos. Esse procedimento acabou se mostrando muito significativo e, de certa forma, contribuiu para que os alunos gostassem muito do gênero e das temáticas escolhidas para serem trabalhadas em sala, o que fez com que os alunos se envolvessem de forma ativa e participativa nas aulas. Iniciamos por esse processo de leitura a criação de um repertório prévio de leituras desse gênero para em um momento posterior pedir uma produção textual

O trabalho de escrita em sala de aula não é uma prática tão comum na realidade escolar em que atuamos. Mesmo sendo instruído pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), o ensino de leitura e escrita deve funcionar como forma de ampliação de conhecimentos nos mais diversos componentes e desenvolver a autonomia e o protagonismo dos alunos. Porém, no contexto em que intervimos, pouco se trabalha a escrita em sala de aula. Os professores do município estão tão focados em preparar os alunos para os exames de larga escala que acabam por deixar de lado o trabalho com o que é mais importante: a leitura e a escrita.

Essa é uma preocupação trazida também por Ferrarezi Júnior e Carvalho (2015) “[...] nas últimas décadas, o que se agravou muitíssimo nos últimos vinte anos com a adoção de políticas educacionais sistemáticas de enfoque quantitativo, focadas mais na construção de índices avaliativos do que na construção de um povo realmente civilizado por uma educação formadora e transformadora. Quanto menos o brasileiro passou a ler (e ouvir lendo), tanto maior se tornou sua incivilidade.” (Ferrarezi Júnior e Carvalho, 2015, p. 21)

E o que os autores trazem nessa citação acaba se mostrando muito perceptível na prática, pois a maior parte dos alunos no decorrer dessa experiência apresentou muitas dificuldades tanto de leitura quanto de escrita. Mesmo assim, se esforçaram e conseguiram com êxito realizar as produções individuais dos contos de suspense. O que acaba sendo muito gratificante e trazendo para essa experiência um significado a mais, dessa forma, justificando assim a escolha da descrição dessa vivência no presente relato.

Iniciamos a nossa primeira aula com um momento de motivação que fez com que os alunos se interessassem pela temática e pelo gênero que seria trabalhado nas aulas seguintes. Antes mesmo de fazer alguma menção ao gênero e aos textos que seriam utilizados, fomos para o quadro branco e escrevemos os títulos das duas narrativas que seriam lidas na sequência “Estradinha de barro” e “Casa de fazenda”, retirados do livro *Maldito Sertão* escrito por Marcio Benjamin. Em seguida, pedimos que eles fossem compartilhando os

pensamentos e realizando a descrição das imagens que vinham a suas mentes ao ler as frases postas no quadro. E eles foram falando que remetiam a algumas lembranças de quando iam ao sítio e que geralmente perto de uma estrada de barro tinha ou se avistava uma casa de fazenda que poderia estar em uso ou abandonada.

Depois do momento de motivação, realizamos a entrega das cópias do primeiro texto a ser lido “Estradinha de barro”. Começamos a realizar a leitura de forma compartilhada, deixando os alunos sempre à vontade para participarem e ao mesmo tempo incentivando e parabenizando a participação deles durante as aulas. A maioria se dispôs a fazer a leitura, pedindo para ler na sequência quando o colega terminasse. Outros alunos não se sentiram à vontade para ler, pois ainda estão em processo de alfabetização. Mesmo assim, incentivamos e fizemos leituras de pequenos trechos com esses alunos no decorrer das aulas. Fomos realizando pausas durante a leitura, tanto para escutar os comentários que eles iam fazendo de forma espontânea, como por exemplo “Por que será que esses meninos estavam sumindo?” ou “Eita, graças a Deus que o senhor achou ele (Miguel).” ou “Esse velho (senhor) tem alguma coisa a ver com o sumiço desses meninos.”, quanto para fazer algumas perguntas de interpretação, para facilitar o entendimento e a compreensão do texto e também perguntando qual a percepção deles acerca do texto e se gostaram da narrativa. A maior parte dos alunos falou que gostou do conto e pediu que trouxéssemos mais textos como aquele. E assim, fizemos!

Posteriormente, demos início à leitura do segundo texto “Casa de fazenda”, do mesmo autor do texto lido anteriormente com a turma. A leitura foi feita também de forma compartilhada aos mesmos moldes da primeira leitura. Nesse segundo texto, as perguntas já levavam os alunos a refletirem acerca de elementos característicos do gênero *conto* como, por exemplo: personagens, situação inicial, desfecho da narrativa, protagonista, espaço, tempo. Pedimos que a turma imaginasse um desfecho diferente para a história.

Essa solicitação aconteceu da seguinte forma: resolvemos fazer um recorte da parte final do texto “Casa de fazenda” e pedimos que os próprios alunos escrevessem o final de acordo com o que eles achavam que iam acontecer no final da narrativa. Posteriormente, iríamos discutir um pouco sobre os desfechos escritos e realizar a leitura do desfecho original da história. Dessa forma, após a realização da escrita por parte deles, pedimos que quem se sentisse à vontade pudesse ler o desfecho criado, para o restante da turma.

Mesmo com vergonha, alguns alunos realizaram a partilha dos desfechos, os quais não se assemelharam ao original. Alguns alunos escreveram que o velho morreria, outros que ele mataria o lobo e ficaria feliz com aquela realização. Para encerrar esse momento,

realizamos a leitura do desfecho oficial e perguntamos o que acharam. Os alunos falaram que gostaram do final, porém ficaram muito surpresos com o fato de que o lobisomem que dizimou toda família e funcionários da fazenda fosse o próprio filho do “velho”.

Na sequência, foram realizadas algumas perguntas que davam conta de conectar a leitura dos dois contos. Primeiramente, realizamos uma pergunta a fim de saber de qual texto eles mais gostaram. A maior parte da turma disse ter gostado mais do conto “Casa de fazenda”. Quanto à semelhança entre as narrativas, os alunos mencionaram que o espaço em que elas se passam é o mesmo, isto é, o interior de alguma região. Tratava-se, pois, de um espaço rural. Quando perguntados se já tinham ouvido histórias semelhantes de algum parente ou conhecido, falaram que sim, mas que a versão que tinham ouvido era diferente tanto sobre a história do *lobisomem* e quanto a do *papafigo*. Já sobre qual o final do conto que os tinha surpreendido mais, os alunos falaram que fora o de “Casa de fazenda”, pois jamais havia passado pela cabeça deles que o lobisomem era filho do “velho” dono da fazenda.

Depois dessa conversa sobre os contos lidos, realizamos a apresentação da obra em que os textos se encontram e que se chama *Maldito Sertão*. Aproveitamos o ensejo e falamos um pouco sobre o autor, Márcio Benjamin, apresentando as características da sua produção literária, as outras obras produzidas por ele, os prêmios recebidos e outros aspectos relevantes de sua trajetória como escritor.

Posterior às apresentações da obra e do autor, realizamos a leitura de uma versão em quadrinhos do conto “Casa de Fazenda”, já que este fora o de que mais os alunos gostaram. Essa leitura foi muito produtiva. A turma amou o formato em quadrinhos da história, porque, segundo os alunos, dava pra entender melhor o que acontecia na cena por conta das ilustrações. Empolgaram-se bastante. Tanto que foram fazendo observações durante a leitura, falando sobre as ilustrações que eram semelhantes às cenas que eles haviam imaginado durante a leitura do conto. Outros falaram que não haviam imaginado nada parecido e deram ênfase para o fato de que foi bem mais difícil fazer a leitura do desfecho, onde o filho do velho é o lobisomem, através do quadrinho, por conta das imagens que o mostram matando o bicho (seu filho) e na sequência tirando a própria vida. Por fim, no momento de comparar a narrativa verbal com a quadrinizada, os alunos disseram que não conseguiram perceber muitas diferenças quanto à história contada, mas, quanto ao modo de contar, havia sim, principalmente em relação à descrição dos personagens, pois as imagens dispensam essa parte.

Partimos depois para a apresentação do gênero *conto de suspense*. Elaboramos

alguns slides e um material impresso e repassamos para os alunos como forma de auxiliar no entendimento do gênero e suas características. Nesse material, havia uma explicação detalhada acerca dos elementos composicionais do gênero: personagens, espaço, tempo, narrador e enredo (introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho). Também houve exposição de slides, com as mesmas informações do material impresso de uma maneira mais objetiva e sintética a fim de facilitar o entendimento dos alunos. Esse material acabou os auxiliando na produção dos contos que foram solicitados posteriormente.

Após essa apresentação, realizamos também, de maneira compartilhada, a leitura de alguns *causos* característicos da região Nordeste, com versões diferentes para as lendas da Cumadre Florzinha e a lenda do lobisomem. Esses textos serviram para ampliar o leque de leitura dos alunos quanto à temática de que tratavam os textos de Márcio Benjamin e acabaram servindo como inspiração para as produções dos contos de suspense pelos próprios alunos.

Por fim, depois de todo o processo de leitura e de entendimento sobre o gênero *conto de suspense*, partimos para a produção de texto. Nesse momento, deixamos os alunos à vontade para utilizarem sua criatividade e realizar a elaboração de um conto de suspense com base nos textos lidos em sala de aula, suas bagagens de leituras prévias, conhecimento de mundo etc. Eles também podiam elaborar capas para os seus contos, caso desejassem.

Porém, em meio a tudo isso surgem as dificuldades, a maior parte dos alunos já vinha apresentando dificuldades de leitura e essas dificuldades se agravaram quando partimos para a escrita do conto. Tivemos que nos dedicar bastante a eles. A todo momento, surgiam dúvidas de como escrever as palavras de forma adequada à norma padrão da língua Portuguesa, falta de criatividade. Outros não sabiam como organizar o texto, como passar para o papel a ideia que estava na sua cabeça, dificuldade de conectar as informações postas no texto e fazer com que o texto obtivesse sentido (coesão e coerência). Essa dificuldade foi maior para os alunos que não haviam sido completamente alfabetizados. Então, fomos com calma, ajudando-os aos poucos. Em alguns casos, foi preciso soletrar letra por letra para que o aluno fosse escrevendo e pudesse concluir a atividade com “sucesso”.

Por conta dessas dificuldades, a produção acabou acontecendo de uma forma mais lenta e levando bem mais tempo do que havíamos planejado durante a elaboração da sequência didática. Mas os alunos se esforçaram bastante e superaram as dificuldades. Todos os que se dispuseram a realizar a produção conseguiram concluí-la. Alguns escreveram textos mais curtos, outros textos bem longos. Ficamos muito felizes ao corrigir cada produção e ver o esforço e dedicação de cada um em meio a todas as dificuldades. Por fim,

fizemos as devidas correções nos textos, sempre prezando por não fazer grandes modificações a fim de manter as marcas de autoria de cada aluno. Digitamos os textos e unimos todos em um pequeno livreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência descrita sumariamente na seção acima deixa evidente não apenas a importância, mas a necessidade do trabalho com a leitura e a escrita em sala de aula. Não é uma tarefa fácil, por inúmeras razões que não vem ao caso mencionar aqui. Vão surgir muitos desafios ao longo do percurso, mas precisamos ser persistentes e continuar ensinando aos nossos alunos o que é indispensável no currículo da disciplina de língua portuguesa: ler e escrever de forma proficiente.

Embora em nossa experiência, em virtude de eventos alheios a nossa própria vontade, acabamos prezando o trabalho com a escrita e deixamos de lado o trabalho com a reescrita do texto do aluno de forma mais detida com tempo para eles pensarem nas escolhas que fizeram, nos equívocos cometidos e nos acertos alcançados. Mesmo assim, os alunos se empenharam, acabaram saindo da sua zona de conforto, realizando uma atividade – o exercício da escrita – que não é muito realizada na realidade educacional em que atuamos.

Para encerrar o presente trabalho, gostaríamos de registrar que, como docente em formação inicial, a oportunidade oferecida pelo Programa Residência Pedagógica me possibilitou o primeiro contato com a sala de aula enquanto regente de ensino, além de ter ampliado a minha formação no que tange à reflexão sobre ser professor de língua portuguesa e ao planejamento de ações didáticas a partir do aperfeiçoamento na elaboração de sequências didáticas. De todos os ensinamentos, ficou o de que estar em sala de aula é um exercício atravessado por eventos cuja origem e natureza nem sempre podemos controlar devidamente. Por isso, é preciso que o professor tenha sempre uma carta na manga para utilizar quando se fizer necessária, especialmente quando os imprevistos se fazem presentes.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Márcio. *Maldito Sertão*. Natal: Ed. Jovens Escribas, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

Brasil. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais (5 a 8ª séries)*.

Brasília, MEC/SEF, 1998.

COLETIVO QUADRO 9. *Maldito Sertão em quadrinhos*. Natal: Jovens Escribas, 2020.
COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
FERRAREZI JÚNIOR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. *De alunos a leitores: o ensino de leitura na educação básica*. São Paulo: Parábola, 2017.
FERRAREZI JÚNIOR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. *Produzir textos na educação básica: o que saber, como fazer*. São Paulo: Parábola, 2015.
PARAÍBA, Secretaria de Educação e Cultura. *Proposta Curricular do Estado da Paraíba: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. João Pessoa: SEC, 2019.

